

Memórias dos espaços escolares e acadêmicos de um estudante com deficiência visual

Lilian Freitas Coelhoⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Este artigo constitui um recorte de pesquisa de mestrado e visa apresentar vivências do percurso de vida de um estudante com deficiência visual matriculado no curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). O estudo realizado tem abordagem qualitativa e utilizou como método a história de vida, pela metodologia de história oral, abordando relatos da dinâmica de vida escolar e acadêmica de Beta, nome fictício utilizado para preservar a identidade do sujeito participante. Aspectos como percepção de si, das relações interpessoais com os atores da escola, metodologias de ensino e de avaliação utilizadas pelos professores e recursos tecnológicos de acesso ao conhecimento são lembrados e relatados por Beta. O estudo empreendido revelou momentos e percepções vividas e sentidas nos espaços educativos desde a infância até a universidade. Os resultados evidenciaram possibilidades e, sobretudo, limitações de acessibilidade. Percebe-se barreiras diversas com tentativas de superação por meio de um esforço individual pela integração do discente aos cenários escolar e acadêmico percorridos.

Palavras-chave: Estudante. Deficiência visual. Escola. Universidade.

Memories of the School and Academic Spaces of a Student with Visual Impairment

Abstract

This article is part of a master's research and aims to present the experiences of the life course of a student with visual impairment enrolled in the Licentiate Degree in Philosophy at the Federal University of Ceará (UFC). The study carried out has a qualitative approach and used the history of life as a method, through the methodology of oral history, addressing reports of the dynamics of school and academic life of Beta, a fictitious name used to preserve the identity of the participating subject. Aspects such as self-perception, interpersonal relationships with school actors, teaching and assessment methodologies used by teachers and technological resources for accessing knowledge are recalled and reported by Beta. The study undertaken revealed moments and perceptions experienced and felt in educational spaces from childhood to university. The results showed possibilities and, above all, accessibility limitations. Several barriers are perceived with attempts to overcome it through an individual effort to integrate the student into the school and academic scenarios covered.

Keywords: Student. Visual impairment. School. University.

1 Introdução

2

O trabalho ora apresentado foi desenvolvido com o objetivo de analisar e refletir sobre a história de vida de um estudante com deficiência visual do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC) a partir de seus relatos imbuídos de percepções sobre as suas vivências na escola e na universidade. Nesse sentido, a pesquisa é substantiada pelas seguintes questões norteadoras: como Beta, nome fictício atribuído, transita nos corredores das escolas pelas quais passou e da universidade? De que forma ele se relaciona com os colegas e com a escola? Como ele tem acesso ao conhecimento e de que maneira ocorre os processos de avaliação em sua trajetória como estudante? E, ainda, qual a sua percepção enquanto estudante com deficiência visual?

No contexto deste trabalho, é fundamental refletirmos sobre a importância das políticas públicas para educação, definidas como ações planejadas pelos governos para o desenvolvimento e a inclusão dos atores principais da escola, os estudantes, as políticas públicas devem assegurar, indistintamente, conforme preceitua a Constituição Federal em seu artigo 206, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Nesta seara, a pesquisa científica desenvolve papel fundamental para o conhecimento das realidades advindas da diversidade de necessidades específicas dos estudantes. Ao emprendermos pesquisa na área de inclusão de estudantes com deficiência visual, as investigações permitem incitar reflexões para que se repensem as ações e se redimensionem perspectivas, de modo que sejam materializadas em políticas efetivas de inclusão.

O artigo 208 da Constituição Federal de 1988 preceitua o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência e institui no artigo 227 como dever do Estado, da sociedade e da família, assegurar o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade

e opressão. O Brasil dispõe de todo um arcabouço legal para a promoção de direitos das pessoas deficientes, no entanto, há uma grande distância entre aquilo que é estabelecido e o cenário vivenciado, o qual revela dificuldades desde o acesso à matrícula em instituições de ensino básico e superior até o enfrentamento no dia a dia de barreiras arquitetônicas, tecnológicas, atitudinais e pedagógicas nos ambientes educacionais.

3

Cabe destacar os avanços da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), cujos preceitos destinam-se a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. No âmbito educacional, a lei assegura um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de aprendizado ao longo da vida, instituindo como dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade a obrigação de assegurar educação de qualidade colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

A pesquisa empreendida denota relevância, uma vez que possibilita o conhecimento de memórias da trajetória escolar de um estudante com deficiência visual, considerando os aspectos pedagógicos, arquitetônicos, atitudinais, entre outros, conforme suas vivências e percepções, revisitadas e narradas.

Historicamente as pessoas com deficiência são percebidas como sujeitos incapazes e vivem processos de exclusão nos mais diversos âmbitos da vida social.

Segundo Motta (2004), a visão da sociedade ao longo da história em torno da pessoa com deficiência visual reflete o pensamento cultural da antiguidade em relação à cegueira, tendo grande influência sobre artistas e escritores da época, colaborando para manter o círculo vicioso do preconceito.

Barash (2001, apud MOTTA, 2004, p. 63) alude que a história, as lendas, a literatura e a própria Bíblia contribuíram para perpetuar as ideias negativas, os mitos sobre o efeito da falta da visão na vida das pessoas.

Para Hutchinson et al (1997, apud MOTTA, 2004, p. 63):

A falta de conhecimento e entendimento acabam resultando em uma limitação das oportunidades que são oferecidas às pessoas cegas e com

baixa visão. A cegueira e a baixa visão não deveriam ser barreiras para uma participação maior na sociedade e na escola.

4

Para trazer à luz as análises e reflexões necessárias sobre a temática da inclusão da pessoa com deficiência, bem como para contribuir no sentido de romper os paradigmas sociais negligenciadores da pessoa com deficiência visual, este trabalho se norteia pelo lema do movimento das pessoas com deficiência visual, “nada sobre nós, sem nós”, utilizando como fonte as memórias do estudante universitário Beta, estudante do segundo curso de nível superior na UFC. O lema, sem o qual este trabalho perderia sua finalidade e sentido, conduz a concepção de que toda e qualquer ação que tenha relação com a pessoa com deficiência deve ter sua plena participação em todas as etapas envolvidas.

A justificativa pelo envolvimento da pesquisadora com a presente pesquisa se dá pela atuação com a temática em comissões de trabalho no Instituto Federal do Ceará e foi mais intensificado pela experiência como estudante do curso de Atendimento à Diversidade, ofertado pelo Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar, em Fortaleza- Ceará, ministrado por docentes com deficiência visual. Embora o convívio tenha ocorrido em curto espaço de tempo, foi possível nos instigarmos pela temática, refletindo sobre como o mundo é bem mais rico de possibilidades para além daquilo que podemos imaginar. Quantas pessoas assim vivem, circulando em tantos espaços de atuação, com o seu jeito de ver o mundo com outros olhos, sob outras perspectivas. Para isso, fizemos o recorte da história de vida enquanto estudante, por ser a escola e a universidade um espaço denso de aprendizagens e experiências diversas, que guarda muitas memórias relevantes, exercendo papel demasiadamente importante de construtoras e reconstrutoras na e da vida do sujeito.

Conforme Maciel e Vanderlei (2007 apud BRAGA; FIALHO; MAIA, 2015, p. 22):

A memória se transformou, para muitos, no objetivo da História Oral. E os historiadores começaram a considerar que a partir do entendimento do processo de formação da memória histórica poderiam compreender como os indivíduos vinculam passado e presente, bem como a necessidade de

valorizar as identidades, memórias e visão de mundo de grupos por vezes invisibilizados em determinadas fontes tradicionais.

Dessa forma, por meio dos relatos rememorados por Beta podemos conhecer um pouco das singularidades e subjetividades suas vivências, conhecimentos, dificuldades, facilidades, integrações, inclusões, exclusões, caminhos, descaminhos nos cenários escolares e acadêmicos, e assim, também podemos refletir sobre a escola e a universidade que queremos, redimensionando ações e atitudes para uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Nos próximos tópicos, destacaremos como foi desenvolvida a pesquisa, seus resultados e discussões entremeando percepções teóricas e memórias de Beta, antecedendo as considerações finais, sobre as quais refletiremos sobre os achados da pesquisa em paralelo às questões norteadoras do estudo.

2 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do Ceará (UFC), na cidade de Fortaleza, com dois discentes, e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, com mais dois discentes, todos estudantes de cursos de licenciatura. Neste artigo apresentaremos, apenas, recortes da trajetória de vida de um dos participantes, estudante do curso de licenciatura em Filosofia da UFC.

O estudo realizado tem abordagem qualitativa e utilizou como método a história de vida, pela metodologia de história oral que “implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje, e cujo processo histórico não está acabado (MEIHY, 1996). Utilizamos como fonte as narrativas contadas pelo sujeito participante através dos relatos repassados durante as entrevistas, as quais foram gravadas, tendo como eixo principal suas experiências enquanto estudante com deficiência visual. Para Minayo (2002), infere-se que a abordagem qualitativa da pesquisa possibilita trabalhar o universo de significados, motivos, aspirações,

crenças, valores e atitudes não como atributos a parte do sujeito no momento de sua formação acadêmica.

Segundo Silva et al (2007, p.27), emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas:

Caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético.

6

O tipo de história de vida nesta pesquisa segue a abordagem Mckernan (1999), sendo a do tipo temática. Nela compartilhamos alguns traços da história de vida completa, mas delimitamos a um tema específico, conforme preceitua o autor. No caso da presente investigação, delimitamos ao tema: “experiências enquanto estudantes” deste a infância na escola até o momento atual, na faculdade.

Para Paulilo (1999, p. 140):

[...] são muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundem a evocações passadas. Podemos, assim, dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado.

Nesse sentido, a história de vida constitui-se como um método ideal para se conhecer a realidade do sujeito que vivencia ou vivenciou a situação que se pretende pesquisar. Para Glat e Pletsch (2009,p.141):

esse tipo de abordagem propicia uma aproximação maior com o sujeito ou grupo analisado, já que privilegia as apreciações das experiências de interesse interpretadas pelos próprios participantes.

Para realização da pesquisa, contactamos Beta por telefone convidando-o a participar da pesquisa, com aceitação imediata. Realizou-se duas entrevistas: a primeira semiestruturada, com uma pergunta geral, a saber: quais são as suas

lembranças dentro dos espaços escolares desde a sua primeira infância até o momento atual na universidade, pensando em como o conhecimento chegava até você e como você chegava e chega ao conhecimento. Conforme o desenvolvimento da entrevista outras perguntas foram surgindo.

A segunda entrevista realizou-se de forma estruturada, com um levantamento sociodemográfico inicial e perguntas abertas sobre o perfil enquanto estudante, percepção de si, dinâmica de socialização na escola e na faculdade, metodologias de ensino e avaliação. Indagamos também sobre os motivos que o levaram a escolher um curso de licenciatura e quais as suas perspectivas enquanto futuro profissional licenciado.

As entrevistas foram realizadas no Núcleo de Acessibilidade da instituição. Foi utilizado um caderno de campo para fazer registro das características dos cenários que estávamos inseridos, bem como de traços físicos e comportamentais de Beta ou mesmo elementos que julgássemos pertinentes. Após a transcrição do áudio das entrevistas, os seus conteúdos foram apresentados a Beta e devidamente validados.

O documento de consentimento para realização da investigação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelo sujeito participante com auxílio de cartão, autorizando a realização da pesquisa e o uso de fotografias retiradas no momento das entrevistas, bem como de fotografias de sua trajetória acadêmica por eles disponibilizadas. Os termos foram entregues em versões de tinta e em Braille, ficando uma via de cada formato com ele e outra com a pesquisadora, contudo, ele dispensou a via em Braille, afirmando que o código lbe foi apresentado, mas ele não dominava.

O foco em suas vivências nos espaços educacionais se dá pela representatividade que a escola tem na trajetória dos sujeitos, como lugar de socialização, de contato com o conhecimento, de contato com o mundo, espaço que exerce uma forte influência na formação da identidade e da cultura do indivíduo, para além do acolhimento do lar. Em um espaço predominantemente de videntes como os alunos com deficiência visual circulam, como eles atuam como estudantes? Os relatos orais poderão contar recortes dessa trajetória estudantil, a partir da

memória individual de Beta e ainda revelar o cenário socioeducacional vivenciado no momento em que viveu à época da investigação. Pagliuca et al (2007 *apud* LAMÔNICA et al, 2008 p.178) afirma que os lugares afetam o que os indivíduos são e porque são transformados pelas marcas que traduzem a ação coletiva dos atores.

3 Resultados e discussões

8

O contato inicial que tivemos com Beta se deu por meio de telefonemas, em que tentamos marcar por duas vezes a primeira entrevista, mas não ocorreu, devido a problemas com o equipamento de gravação da pesquisadora e compromisso que levou Beta a precisar desmarcar o encontro. Em seguida, de pronto, marcamos o encontro para realização da entrevista no Núcleo de Acessibilidade da instituição que ele estudava para o dia 27 de maio de 2016. Lá, Beta estava envolvido como bolsista em projeto de extensão. Ao chegar, Beta já me esperava em uma ampla sala, chamada Sala de Digitalização. Ele estava sentado, à minha espera, vestido com boné, óculos escuros, blusa branca, calça jeans e sandálias pretas. Apresenta uma barba volumosa que chama certa atenção. Ele me recebeu de forma bem tranquila e cordial e em seguida iniciamos a entrevista com o uso do gravador.

Beta nasceu em 03 de dezembro de 1965, na cidade de Reriutaba, estado do Ceará. Considera-se do gênero masculino e não tem religião. Mora atualmente com seu irmão e com sua companheira no bairro Messejana, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Possui outros segmentos familiares como sobrinhos e sua irmã. Sua mãe é falecida e seu pai mora em Brasília, mas não tem contato com o pai.

Beta nasceu numa década em que despontou os primeiros movimentos de mudança pela autonomia da pessoa com deficiência. Segundo Sasaki (2007, n/p) até a década de 60:

as pessoas com deficiência eram tratadas como objetos de caridade, não podiam opinar e tinham de obedecer às decisões que os especialistas e os pais tomavam por elas, em tudo o que se referia à vida delas. A situação começou a mudar em 1962 quando um grupo de 7 pessoas, todas tendo

deficiências muito severas (tetraplegia em sua maioria), resolveu agir. Edward V. Roberts (ou simplesmente Ed Roberts) era o líder do grupo. Ed Roberts e seus amigos (conhecidos em Berkeley como "Os Tetras Rolantes") criaram o serviço de atendentes pessoais de que eles mesmos precisavam a fim de viver com autonomia, o que originou o movimento de direitos das pessoas com deficiência nos EUA.

9 Dando continuidade ao perfil de Beta, aos questionarmos sobre a renda familiar, ele preferiu não revelar. Em seguida, pedi que nos contasse o que ele lembrava de sua história de vida nos espaços escolares, desde a primeira infância até o momento atual, na faculdade, pensando nos seus hábitos e costumes enquanto pessoa que percebe o mundo não por meio dos olhos físicos, mas de outras formas. Beta inicia seu relato nos contando onde nasceu e sobre a experiência inicial com a limitação visual:

Eu nasci numa cidade chamada Reriutaba, no norte do Ceará, e desde muito pequeno minha mãe detectou que eu era uma criança com deficiência visual e minha mãe teve uma postura muito boa e foi logo tentando saber o que era aquela doença, só que eu fui para a cidade polo lá da região que, é Sobral, e eu fiz tratamento 12 anos para patologias visuais que eu não tinha. Isso aí já foi um problema. Na minha primeira infância, minha acuidade visual era razoável e minha mãe começou a perceber a minha condição de pessoa com deficiência visual por conta da noite que quando chegava a noite, eu caía, então foi isso.

Beta nos conta que sua alfabetização foi em tinta e apesar da deficiência visual seu processo de alfabetização foi tranquilo, não houve muitas dificuldades. Ele relata que não passou pelo jardim, que foi direto para a alfabetização. E constantemente estava estudando e fazendo acompanhamento médico para saber como estava a sua acuidade visual. O discente partilha que considerava bem estranho porque os seus colegas de sala que usavam óculos estavam bem e o seu problema sempre estava aumentando.

Enquanto estava na sexta série sua doença ocular deu um salto. Habitualmente, Beta estudava pelo caderno de sua colega, que tinha letra bem legível. Ele costumava estudar antes de ir à aula, de manhã bem cedo. Contudo, numa manhã de setembro de 1981, Beta olhou o caderno para estudar e não

conseguiu mais ler o que estava escrito. Aquela experiência foi um choque, segundo nos relata.

Beta contou bastante com o apoio da professora, atualmente falecida, que também era sua vizinha. A docente copiava as matérias para ele e as lia. Foi uma pessoa que lhe deu bastante apoio naquele período difícil, segundo nos relata.

Percebemos que a docente realiza um movimento para adoção de metodologias de ensino que possibilitassem a aprendizagem de Beta, conforme os recursos e a percepção de que dispunha à época, empreendendo um esforço para o alcance de Beta aos conhecimentos transmitidos. E assim, como afirma Mansini (apud SILVA, 2013, p. 67), perceber a necessidade de “[...] desfazer barreiras e construir possibilidades no caminho do aluno, de um lado ampliando sua percepção e compreensão dos conhecimentos, de outro, intensificando suas relações e comunicações com os que o cercam”.

Beta tinha quinze anos e continuou os seus estudos, sendo que a 6ª série foi a única que ele fez recuperação, da alfabetização à 5ª série ele foi aprovado por média em todas as disciplinas. Em seguida, por aconselhamento de seu irmão, deixou de fazer tratamento visual em Sobral e passou a fazer na cidade de Fortaleza. Para isso, mudou-se para a capital do estado e o seu irmão o encaminhou para clínica especializada. Lá, ele foi diagnosticado com retinose pigmentar. À época, sua patologia visual não tinha tratamento, apenas alguns paliativos. Segundo Beta, sua 7ª e 8ª séries foram cursadas como estudante ouvinte, em uma escola no bairro onde mora até o momento de realização da pesquisa. Ele nos fala de sua experiência na escola ao chegar na cidade de Fortaleza:

Quando eu vim pra cá para Fortaleza em 82 eu fui para uma escola em Messejana que era o bairro onde eu morava e continuo morando atualmente e essa escola, infelizmente, a direção da escola não queria me aceitar lá. E eu fiz alguns testes e a congregação da escola se responsabilizou por mim. E foi assim que eu fiz minha 7ª e 8ª e conclui meu ensino fundamental. Depois disso, meu irmão pediu para que eu parasse um ano para encontrar outro tratamento e infelizmente o tratamento não tinha nada de novidade. Eu até cheguei a tentar a adequação com as lupas, mas não tive muito bom desempenho não. Então, Lilian, no ano seguinte eu quis fazer meu ensino médio e fui também como ouvinte. Nessa outra escola foi bem diferente, a escola me deu todo apoio. Se bem que na época não existia tecnologia de acessibilidade nenhuma, na época. Mas, mesmo

assim eu fiquei lá, fiz o básico, passei por média no básico, e no 2º ano eu tinha que escolher um curso profissionalizante da época e eu escolhi o curso de contabilidade e custos, principalmente por conta da economia que eu gostava demais de economia nesse período da minha vida (BETA, 2016).

Percebe-se na caminhada de Beta pelas escolas, diferentes abordagens no acolhimento à pessoa com deficiência. Adorno e Horkheimer (1978 apud COSTA, 2014, p. 4) destacam a necessidade da dialética do esclarecimento, na qual “[...] a atividade do sujeito com deficiência seria aproximar-se e o assemelhar-se [...] e não se afastar e desejar modificar a sua condição.

Beta relata que foi aprovado por média no primeiro e segundo ano do ensino médio, porém, quando chegou ao terceiro ano, não conseguiu acompanhar porque naquela série havia o uso de muitos gráficos e à época não havia tecnologia assistiva. Ele nos diz que se fosse no momento atual, ele teria concluído o curso de contabilidade e custos. Em seguida, ele abandona a escola, depois de ter aproveitado os dois anos cursados e só voltou a estudar em 2002. Nesse ano, ele já era instrutor de DOSVOX¹ e já possuía bastante domínio de informática. Beta compartilha como foi a vivência de retornar os estudos depois de algum tempo:

Quando eu me inscrevi eu já achava que estava bem na hora de concluir meu ensino médio já que eu tinha o suporte do computador e na época eu me matriculei em uma escola lá em Messejana e na época eu só fiquei lá por conta da secretaria de educação, mas foi bem difícil pelo momento. O próprio diretor do colégio disse: ‘olha, aqui não tem nada especial para você.’ Eu perguntei pelo laboratório de informática, eu já conhecia a escola até porque meus sobrinhos estudavam lá, e ele disse: é, nós temos um laboratório de informática, mas nós não temos nenhum programa no laboratório que vá te dar condição de você estudar. Aí eu estava com um CD na mão e disse: professor o senhor está vendo esse CD aqui na minha mão? ” Aquele CD era do software DOSVOX (BETA, 2016).

Os relatos de Beta sobre a sua relação com as tecnologias assistivas revelam uma estreita e importante relação para a sua autonomia nos processos de ensino e aprendizagem. Sobre isso, Bersch e Tonolli (2010 apud LIMA, 2011, p. 21),

¹ O DOSVOX é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por deficientes visuais, que adquirem assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho.
Fonte: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/intro.htm>

defendem que a aplicação da tecnologia assistiva na educação vai além de simplesmente auxiliar o aluno a ‘fazer’ tarefas pretendidas. Nela encontramos meios de o aluno ‘ser’ e atuar de forma construtiva no seu processo de desenvolvimento.

Ele se apresentou como instrutor do software e nos relatou que o conhecimento dessa ferramenta o auxiliou bastante nos estudos de todas as disciplinas. Beta afirma que foi tranquilo fazer as disciplinas nos laboratórios. Desta feita, aproveitou os dois anos cursados na década de 80 e fez mais um ano de estudos em 2002, e, assim, concluiu o ensino médio.

Em seguida, Beta se engaja em projetos vinculados a instituições de ensino superior, ministrando aulas de DOSVOX e trabalhando com internet acessível para pessoas deficiência visual. Como estava bem engajado em um projeto na Faculdade de Educação da UFC, ele decidiu fazer vestibular para pedagogia, e assim criou um vínculo com a universidade, inclusive como bolsista.

Beta nos conta que o vestibular foi bastante inclusivo e que ele foi a primeira pessoa do Brasil a fazer uma prova com o DOSVOX. Após a narrativa desses momentos, pergunto-lhe como era as suas relações sociais na escola à época que perdeu a visão. Em seguida, ele nos conta:

Minhas relações lá em Reritaba eram boas, eu era um garoto que tinha muitas relações sociais, eu participava de grupos de jovens, então era tranquilo, muita gente gostava demais de mim. Tinha uma turma de estudante que a gente estudava muito juntos, inclusive a maioria da minha turma e amigos fizemos ensino superior. A maioria deles mora hoje em Fortaleza, são médicos, advogados e eu vim para a pedagogia por essa circunstância aí. Então quando eu venho para Fortaleza surge a primeira problemática com a nova escola e eles não queriam me aceitar por conta da minha deficiência visual, mas para minha sorte, a instituição chegou a assinar um termo de responsabilidade, inclusive falando que não poderia perder um estudante da minha qualidade só porque eu não conseguia ler e escrever. Então em Messejana eu tive contato com muita gente na escola e eu também comecei a participar de grupos de jovens como tinha participado no interior, então voltei a participar em Fortaleza. Mas eu consegui uma boa adaptação como ouvinte, então tinha professores que liam, tinham colegas que liam, meus familiares também. Eu fiz até um acordo com a turma que era considerada a turma da geral porque eles eram bagunceiros. Então eu disse: vocês leem pra mim que eu explico as matérias de acordo com meu entendimento e foi um sucesso. Porque eu fiz uma troca bacana com eles, eles liam pra mim e eu explicava o conteúdo das matérias para eles e como eu utilizava a mesma linguagem que eles foi bem interessante essa troca (BETA, 2016).

É pertinente notar e importante salientar a quebra de paradigma sobre o que ainda se compreende socialmente sobre a pessoa cega, a partir da experiência de “troca” de conhecimento narrada por Beta. Alguns povos chegam até mesmo a eliminá-las. Para Motta (2004), somente há cerca de 200 anos atrás a sociedade começou a perceber que as pessoas cegas e com baixa visão poderiam ser educadas e viver de forma independente. Ao colhemos esse fragmento de experiência, refletimos que ao longo da vida, “o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo.” (LE GOFF, 2010, p. 26).

Beta afirma que não tinha contato em sala de aula com pessoas com deficiência visual. O seu contato era somente com videntes. Ele se descreve como uma pessoa que sempre teve facilidade de comunicação com as pessoas, de fácil intercâmbio. Participava de grupo de jovens da igreja católica, da pastoral da juventude e do movimento popular do bairro. Engajou-se ativamente em uma greve de professores ocorrida no ano de 1985 e descreve essa experiência como muito interessante. Quando teve de abandonar a escola, em 1987, como ele era um jovem que tinha bastante inserção social nos grupos de jovens e no movimento estudantil, já tinha uma ampla rede de contatos. Ele nos conta que abandonou a escola “porque chegou a parte que era muito visual e na época não tinha recursos”. Daí ele continuou estudando por conta própria. Entrou no Movimento dos Bairros e na União das Comunidades da Grande Fortaleza, sempre se relacionando com pessoas que enxergavam.

O estudante foi morar no estado do Rio de Janeiro, com familiares, e lá se envolveu também nos movimentos sociais dos quais participa até hoje. Compartilha que o Braille lhe foi apresentado, no entanto ele não conseguiu utilizá-lo. Nesta altura do relato, Beta nos conta que continuou em busca de tratamento e que foi a primeira pessoa a realizar tratamento em Cuba, com tratamento doado pelo governo de Fidel Castro. Em seguida, ele participa como conheceu e se dedicou ao software DOSVOX, ressaltando também a importância do rádio em sua experiência de vida.

O rádio foi outro elemento muito importante pra mim. Inclusive no Rio eu conheci o DOSVOX por meio de uma entrevista na rádio CBN. Ouvi um estudante cego e em cima da necessidade dele que foi construído o DOSVOX. Foi aí que eu percebi que aquilo poderia ser uma alternativa importantíssima pra mim, e foi através do computador que eu não sabia nem o que era. Mas quando eu ouvi aquele estudante falando que era estudante cego de ciências da computação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com esse software que foi desenvolvido lá na Federal do Rio de Janeiro, então eu memorizei o número de que ele deixou no ar e me inscrevi para comprar o kit, que eles vendiam na época que era também subsidiado pela UFRJ. E eu vi que seria ali a minha perspectiva de voltar a ler e escrever por mim mesmo (BETA, 2016).

Após a experiência de ter o DOSVOX instalado em seu computador, Beta percebeu que havia meios de ler e escrever por ele mesmo. Sobre isso, é interessante trazer uma constatação refletida por Mary Pat Radabaugh (1993), quando diz que “para a maioria das pessoas, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para a pessoa com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis.”

Dando continuidade à narrativa, partir de então, Beta passou a se dedicar completamente a estudar o funcionamento do software. Dois anos após essa experiência de intensos estudos, ele passou a dar aulas sobre o software em instituição de assistência aos cegos. E nesse momento ele teve o seu primeiro contato com pessoas com deficiência visual. Para Beta foi muito interessante esse contato, ele partilha que foi um novo mundo que se abriu:

[...] eu percebi duas coisas, primeiro, a autonomia de pessoas cegas, o desenvolvimento deles e a contribuição que eu poderia fazer nesse intercâmbio com essas pessoas. E foi muito bacana o processo de interação e construção com essas pessoas, de vivências (BETA, 2016).

Indago-lhe se ele acha que a deficiência visual o fez você ter gostos, aptidões e costumes diferentes, crenças próprias. Beta considera estar inserido na cultura geral. Segundo nos diz, existem as especificidades da leitura e da escrita, além de barreiras de acessibilidade encontradas no curso. Ele afirma que pega o material na xerox como qualquer outro estudante, porém, para realizar a leitura, solicita apoio do projeto de acessibilidade da universidade, por meio do processo de digitalização, que torna os materiais de leitura acessíveis. Acerca da sua circulação no espaço da universidade, Beta nos conta que ainda enfrenta dificuldades com

acessibilidade arquitetônica, o deslocamento dentro dos centros só pode ser feito com a ajuda de uma pessoa com visão. Os seus colegas sempre o ajudam no trânsito dentro da faculdade. Outros campi da universidade, segundo ele, ainda possuem uma infraestrutura mais precária.

Acerca da acessibilidade arquitetônica, Lamônica et al (2008 apud RODRIGUES , 2004, p. 187) reflete:

[...] que as barreiras arquitetônicas têm que ser vistas não somente como um conjunto de rampas e medidas a serem respeitadas, mas como uma filosofia geral de acolhimento, conforto e facilidades em todas as dependências dos edifícios.

Neste sentido, é imprescindível percebemos a acessibilidade relacionada ao conceito de cidadania, no qual os indivíduos têm direitos assegurados por lei que devem ser respeitados, entretanto, muitos destes direitos esbarram em barreiras arquitetônicas e sociais (Manzini et al, 2003 apud LAMÔNICA et al, 2008). Um espaço construído, quando acessível a todos, é capaz de oferecer oportunidades igualitárias a todos os usuários. (BITTENCOURT et al, 2004 apud LAMÔNICA et al, 2008, p.178).

Sobre vivências de acessibilidade atitudinal, Beta relata uma experiência na faculdade:

[...] teve um episódio com uma professora que ela passou um vídeo só que esse vídeo estava todo legendado em língua inglesa e teve uma colega, a XXXXX, que teve uma sensibilidade muito grande, ela leu todas as legendas e descreveu as imagens. Quando terminou o vídeo, eu estava com mais domínio do vídeo do que quem estava vendo. E foi uma lição para a própria professora porque ela trouxe um vídeo em língua inglesa totalmente sem acessibilidade. Se não fosse essa minha colega com essa atitude? Esse é um exemplo de consciência atitudinal brilhante (BETA, 2016).

Para Cezar (2010 apud PONTE; SILVA, 2015, p. 262):

As barreiras atitudinais impedem e/ou dificultam o processo de inclusão social das pessoas com deficiência. Essas barreiras englobam a discriminação, os estigmas, os estereótipos e os preconceitos, que são alguns dos obstáculos para a inclusão social.

Fomos construídos histórica e socialmente com foco nas limitações das pessoas com deficiência. Subestimação de suas potencialidades baseadas em sentimentos de compaixão ocorrem cotidianamente nos diversos segmentos da vida social. A desinformação e a visão estereotipada e culturalmente arraigada geram atitudes capacitistas.

Capacitismo se constitui como uma barreira atitudinal, que segundo Marchesan e Carpenedo (2021) é entendido como uma forma de preconceito e discriminação contra a pessoa com deficiência. O imaginário da sociedade traz à tona que essas pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência.

Pereira et al. (2011 apud PONTE E SILVA, 2015, p.262) consideram que as atitudes da sociedade podem ser facilitadoras do processo de inclusão, pois poderão integrar na sociedade o sujeito com deficiência. Também podem gerar barreiras, que ocasionarão a exclusão do sujeito.

Dessa forma, compreendemos que é premente a necessidade do desenvolvimento de pesquisas e divulgação de informações sobre acessibilidade atitudinal, uma vez que a promoção de uma consciência coletiva para a inclusão é imprescindível para a efetivação dos outros tipos de acessibilidade.

Beta nos fala também a respeito das tecnologias que utiliza para facilitar o seu acesso aos conhecimentos, através de diferentes tipos de equipamentos, inclusive de *smartphone*. Ele também cita alguns projetos de tecnologia assistiva de que ele tem conhecimento que estão em fase de desenvolvimento, com o objetivo de promover autonomia da pessoa com deficiência visual. Pergunto-lhe a respeito de como ele era avaliado durante a sua vida escolar. Em tempo, ele compartilha:

A minha vida escolar ela foi tranquila até o momento que eu podia com o caderno da minha colega para ler e escrever. Depois fui pra questão oral e foi a partir daí que eu passei a ter uma memória excelente e depois que passou para esse processo inclusivo eu fiz provas de tudo que você possa imaginar. Fiz prova de dupla, fiz prova oral. Dentro da universidade e a partir do momento que eu pude fazer provas com o computador, eu passei a fazer todas pelo computador e deu certo. Então as provas ficaram maravilhosas quando eu pude fazer todas pelo computador igual eu fazia lá no XXXXX (nome do colégio) através do DOSVOX e dos leitores de tela também (BETA, 2016).

Ele ainda relata a sua experiência no ensino médio com as avaliações realizadas. As provas eram todas orais, inclusive a de Matemática. Os seus colegas, familiares e amigos o auxiliavam na feitura delas. Enquanto nos contava a sua experiência com avaliações, Beta relata alguns episódios considerados por ele engraçados vividos em alguns momentos, como a história de uma professora que passava a pergunta e a resposta ao mesmo e ele percebeu.

Na universidade, Beta realiza prova oralizada, em dupla e pesquisada. Também já foi avaliado no laboratório de acessibilidade, através do recurso DOSVOX. Com o passar do tempo, ele passou a solicitar aos professores que as avaliações fossem feitas pelo computador. Os professores, a pedido dele, levam a prova no *pendrive* e ele responde no próprio dispositivo. Indago-lhe a respeito de quem ele foi na escola e quem é na faculdade, enquanto pessoa com deficiência visual. Ele nos retorna sobre o questionamento, na perspectiva dos espaços que ocupou e ocupa enquanto estudante, afirmando que a escola promovia a integração e a universidade promove a inclusão. Ele ainda traz lembranças de que na escola instalou o DOSVOX várias vezes porque sempre que verificava e precisava utilizá-lo, estava desinstalado ou danificado. Na universidade ele já possui leitores de tela portáteis. Sobre a questão cultural, ele disse que pode mostrar que a acessibilidade é possível, e que no momento em que a acessibilidade é promovida, as pessoas com deficiência visual são igualadas às pessoas que não tem a deficiência.

Acerca do paradigma da inclusão e da integração, cabe destacar algumas visões teóricas a respeito dos conceitos envolvidos, sem, contudo, nos alongar na complexidade concernente às diferenças relacionadas.

Conforme Mantoan (1997 apud BORGES; PEREIRA; AQUINO, 2012, p. 2):

Integração escolar, cuja metáfora é o sistema de cascata, é uma forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor.

Enquanto a integração pressupõe a adequação do sistema vigente em sua macroestrutura, a inclusão impõe uma transformação no cenário posto, sobre o qual, conforme entendimento de Borges, Pereira e Aquino (2012), requer, para a realização de uma educação inclusiva, muitas adaptações e mudanças, marcando uma revolução que se concretize na reestruturação do espaço, do tempo e da prática pedagógica vivenciada na escola. Para tanto, Ribeiro (2003, apud BORGES; PEREIRA; AQUINO, 2012) vislumbram que a homogeneização dê lugar à individualização do ensino, na qual todo o processo de organização do trabalho escolar contemple os diferentes ritmos e habilidades dos alunos.

Prosseguindo sobre os relatos de Beta, ele nos conta que escolheu fazer uma segunda graduação e não um mestrado para que pudesse dar continuidade aos projetos de extensão em que estava engajado. Ele ainda partilha a sua vivência nas escolas indígenas, enquanto militante e enquanto estudante de pedagogia. Segundo o participante da pesquisa, a escola diferenciada indígena tem o seu projeto pedagógico construído pela própria comunidade indígena, considerando a sua cultura.

Pergunto a Beta como ele chega ao mundo e como o mundo chega a ele. Em seguida ele fala em poucas palavras algo que resume sua ideologia de vida, os seus gostos musicais, que revelam um pouco de sua personalidade, e alguns lugares por onde caminhou:

Eu chego ao mundo como os adolescentes da minha geração chegaram. Nós que somos da década de 60 e quando chegamos à adolescência ainda estava na Ditadura Militar. Muitas coisas encobertas, muitas coisas escondidas, coisas que depois, aos poucos a gente foi descobrindo e estudando por exemplo, os cantores, as músicas. Na minha adolescência, eu tinha um gosto muito grande pela música, mas não a mesma que meus colegas gostavam. Eu gostava do Belchior, Raul Seixas, Tim Maia, principalmente as do Raul Seixas. Minha educação foi uma educação cristã que depois eu rompi com ela, eu cheguei até a teologia da libertação, mas a própria teologia da libertação me mostrou que o cristianismo não é a minha perspectiva. Como o mundo chegou a mim é a parte dos grupos de jovens, eu falo isso até em uma autobiografia que eu fiz na faculdade de educação estou tentando conseguir recursos para transformar em um livro. Eu morei em 4 estados na perspectiva de construir esses movimentos de construção de um outro tipo de sociedade. Eu morei no Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, mas eu sou muito apegado ao Rio de Janeiro. Lilian, essa perspectiva de construção de um novo tipo de sociedade é o que me

move hoje. Aqui no Ceará eu não conheço outra pessoa cega que tenha gosto por esses processos (BETA, 2016).

Beta continua a sua reflexão sobre si mesmo afirmando que não tem propriedade para falar de pessoas cegas. Que a colega (que estava conosco) tem mais propriedade do que ele. Uma amiga de Beta que trabalha na universidade chegou na sala em meio a entrevista e presenciou alguns momentos da entrevista, com autorização do sujeito participante. Beta compartilha conosco um sentimento e sua luta pessoal:

19

Eu aceito que sou cego, mas não me rendo. Eu aceito e acato pela minha debilidade visual, física mesmo. Mas eu não me rendo porque enquanto eu puder eu vou está correndo atrás de tratamento para a retinose pigmentar. E se tem uma coisa que eu tenho gosto é pela pesquisa e sei do que a ciência é capaz. Eu aceito e acato, mas não me rendo. A questão da bengala e do braille para uma criança que nasce cega são os instrumentos por excelência e é pra ter proficiência em braille, é pra ler braille como a colega aqui lê. Mas para uma pessoa como eu e muitas outras que foram perdendo a visão por conta da retinose pigmentar existe as tecnologias. Hoje o que me move são as tecnologias (BETA, 2016).

Finaliza a entrevista falando de sua constituição familiar, nos dizendo que para ele família não é somente quem tem correlação sanguínea. Ele possui três irmãos, mas tem um sobrinho que considera o seu melhor irmão. Ele é filósofo e faz curso de mestrado em educação. Apresenta o poema feito pelo seu sobrinho para ele:

O Mundo O mundo é cego
E se confunde com retinose pigmentar
O mundo caminha E a tropeça nas pedras de apedrejar
O mundo não é grande
Só apenas se completa onde os olhos não há a alcançar
O mundo é um olhar de criança suja
Que faz do mundo uma bola de meiar
O mundo é mudo E silencia no viver do beijar
O mundo é um conto de aprendiz
Onde só percebe a luz após apagar...

Beta compartilha conosco que tem uma base familiar bem sólida. O contato com o seu sobrinho o fez aprender muito, além da relação com pessoas de outros estados pelos quais passou. Aprendeu também bastante com uma ex-namorada,

pessoa com deficiência visual. Pergunto-lhe se os seus gostos, hábitos, preferências têm alguma influência da vivência enquanto pessoa com deficiência visual. Ele nos afirma que a única igualdade que os deficientes têm é a diferença. E que se identifica com a proposta veiculada em programa de rádio transmitido pela rádio universitária, que trata as pessoas com deficiência visual e com as demais categorias de deficiência como pessoas comuns. Endossa a fala do locutor do programa: “nem super-heroínas, nem coitadas, são pessoas comuns” e assim encerramos a primeira entrevista com Beta.

Em um segundo momento, realizamos a entrevista estruturada, com questionamentos relacionados a sua experiência subjetiva como estudante de um curso de licenciatura. Seguem as perguntas e respostas:

O que o levou a escolher um curso de licenciatura?

Eu escolhi licenciatura porque eu fiz pedagogia e o meu curso de licenciatura vai completar o de pedagogia porque em pedagogia a gente só tem direito de lecionar para o fundamental menor ou então EJA, no meu caso eu até sai com habilitação em EJA. Foi muito importante a habilitação em EJA porque é o que eu trabalho até hoje, não é EJA mesmo como deveria ser, mas o trabalho que eu participo com informática nesse campo da acessibilidade e inclusão é sempre com pessoas adultas, então aquele estágio lá me deu uma boa base. Eu tenho licenciatura plena em pedagogia (BETA, 2016).

Quais as suas perspectivas enquanto futuro profissional licenciado?

Minhas perspectivas no campo da filosofia é a pesquisa dentro desse campo libertário que é muito escasso na Universidade. E lecionar na perspectiva de utilizar essa metodologia dialógica, libertária, participativa (BETA, 2016).

Quais as metodologias de ensino vivenciadas por você que tem mais predileção?

Pra mim o que é mais interessante em termos de metodologias de ensino é a metodologia freiriana, por exemplo, que tem aquela composição dialógica,

pedagogia libertária também é algo que me sensibiliza muito. Nós temos uma professora aqui na faculdade de educação que tem uma metodologia muito nessa linha de pedagogia libertaria, inclusive são os próprios estudantes que fazem o conteúdo da disciplina, ajuda a fazer o programa e essa coisa toda. E outro campo é essa questão da acessibilidade que eu penso que também é uma metodologia porque qualquer metodologia sem acessibilidade se torna inviável pra mim. E eu estou falando de uma metodologia de acessibilidade digital (BETA, 2016).

E sobre as metodologias de avaliação da aprendizagem?

Pra mim o melhor tipo de avaliação foi a que me permitiu usar o computador em sala. Porque com o computador o professor trás a prova ou a avaliação em um pendrive eu respondo no próprio pendrive do professor/a e ele/a já corrige, então isso me faz ter um acesso direto como qualquer um dos meus colegas (BETA, 2016).

Você já participou de metodologias que usam grupos?

“Sim” (BETA, 2016).

Como você se sentiu?

“Olha foi tranquilo. Eu também gosto muito dessa metodologia dialógica, a autoavaliação sempre é bacana fazer, avaliação com os colegas também” (BETA, 2016).

Observamos que Beta revela percepções engajadas em uma educação emancipatória, trazendo reflexões críticas sobre o desejo do porvir enquanto professor e nos situando sobre as suas necessidades específicas de acessibilidade ao conhecimento.

Manifesta fácil envolvimento e gosto por atividades em grupo, demonstrando desenvoltura na socialização nos espaços educativos, bem como nos ambientes ligados a movimentos sociais e religiosos, como já citado por ele.

O estudante aprecia a experiência da autoavaliação, assinalando em sua fala um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem para a sua autopercepção e construção da autonomia enquanto discente.

As falas e reflexões do sujeito participante da investigação nos instigam à realização de pesquisas que promovam a escuta de estudantes em toda a sua complexidade, subjetividade e singularidade, adentrando em suas histórias de vida e nos seus caminhar na escola e na universidade, de modo a subsidiarmos mudanças sob a bússola daquelas e daqueles que esbarram nas diversas limitações do sistema educacional instituído e por isso têm o seu direito negado de ser, estar e agir nos espaços de formação humana.

4 Considerações finais

O estudo empreendido permitiu adentrar por meio dos relatos de Beta no contexto socioeducacional do sujeito participante, em que as suas experiências descortinam metonimicamente muitos traços da realidade socioeducacional brasileira para as pessoas com deficiência, possibilitando também o conhecimento da suas memórias dos espaços educacionais, com a singularidade de algumas de suas vivências, da sua percepção de si e dos lugares por onde passou.

Beta transitou nos corredores da escola e da universidade com fácil engajamento social, boa inserção em grupos e bom relacionamento interpessoal com os colegas, professores e gestores. Encontrou dificuldades de acessibilidade arquitetônica nos espaços da universidade, contando com a ajuda de colegas para neles transitar, contudo, concebe que o espaço universitário promove a inclusão, enquanto a escola permite a integração. O conhecimento chegava até ele com o auxílio dos amigos e de professores que por vezes oralizavam os conteúdos ou cediam cadernos com letras destacadas.

A tecnologia exerceu um papel fundamental no acesso ao conhecimento do discente, atuando como divisor de águas para a sua autonomia na aquisição do conhecimento. É importante destacar a sua experiência de retorno à escola para concluir o Ensino Médio, quando o diretor afirmou que aquela escola não trazia “nada de especial” para ele, inclusive que no laboratório de informática não havia programa específico que o atendesse. Naquele momento ele apresentou o CD do programa DOSVOX e já atuava como instrutor do sistema, indicando forte vínculo

com o recurso tecnológico, presente em sua vida em projetos de instituições de ensino e da universidade, como bolsista.

Sobre as avaliações no período escolar, Beta as fazia de forma oralizada, com o auxílio de colegas e familiares. Na universidade, as experiências com avaliação ocorriam de forma oralizada, em dupla e pesquisada. Ele disse ter predileção por provas realizadas pelo computador em sala de aula.

Sua percepção de si revela alguém nascido na década de 60, à época da ditadura militar, período que encobria artistas da música brasileira, por quem desenvolveu apreço. Teve uma educação cristã, mas percebeu que o Cristianismo não era a sua perspectiva. Sobre a deficiência visual, ele afirma que a acata e a aceita em sua vida, mas a ela não se rende, inclusive a recursos de apoio, como o Braille e a bengala. A tecnologia se constitui como o seu maior apoio, é o recurso que o move, segundo nos relata. Teve a experiência de morar em quatro estados do Brasil e participou de movimentos pela construção de outro tipo de sociedade, desconhecendo pessoas cegas envolvidas nesses movimentos.

Beta apresentou vivências que revelam limitações do sistema educacional em suas mais diversas facetas e nuances. Sua narrativa nos fala de uma instituição de ensino que lhe falou abertamente que lá não havia nada para ele. As barreiras encontradas são transpostas em alguma medida pela busca diária de auxílio de pessoas e tecnologias, no correr do dia a dia pelo acesso à educação. Por vezes, conta com a “sorte” de encontrar colegas e professores com mais sensibilidade em seus papéis sociais ao lidarem com a pessoa com deficiência, e, outras tantas vezes com o “azar” de lidar com outras pessoas e espaços com pouca ou nenhuma estrutura e sensibilidade.

Segundo a narrativa do estudante, ele parece se inserir nos ambientes, utilizando recursos pessoais com todas as possibilidades e limitações de ordem estrutural e atitudinal que os espaços e as pessoas apresentam. Embora conceba as escolas como espaços de integração e a universidade como lugar de inclusão, as adversidades relatadas em ambos parecem encontrar algumas alternativas de “superação” um dia de cada vez, frutos do seu esforço individual, muitas vezes.

O cenário posto evidencia uma legislação avançada para o atendimento das pessoas com deficiência, no entanto, a cada dia, no caminhar na rua, na escola, nas bibliotecas, nos laboratórios, nos pátios, nas quadras esportivas, nas salas de aula, no contato com colegas, professores e gestão das instituições de ensino, Beta relembra reveses e dificuldades de toda ordem, apesar de algumas conquistas e avanços.

24

É inadiável que a sociedade se mobilize para construirmos o paradigma da inclusão. Entendemos que as mudanças são processuais e requerem primeiramente um compromisso ético-político dos representantes do povo nas instâncias de poder, além de amplo apoio e engajamento dos profissionais da educação para a realização de pesquisas e planejamentos exequíveis no atendimento à pessoa com deficiência em suas diversas especificidades. Não há solução pronta e imediata para a exclusão histórica e estrutural da pessoa com deficiência. No entanto, ações coletivas e contínuas para a construção de uma escola inclusiva são basilares para as transformações de que a sociedade necessita, norteadas pelo respeito e valorização da pluralidade de sujeitos em suas diferenças.

Referências

BETA. **Entrevista**. Fortaleza, 27 maio. 2016

BORGES, M. C. ;PEREIRA, H. O. S.; AQUINO, O.F.. Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente. **Revista Ibero-americana de Educação**. n.59, n. 3. Disponível em <https://rieoei.org/RIE/article/view/1376>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** (5 de outubro de 1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 03 jul. 2021.

COSTA, Valdelúcia Alves da. **Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência**. 2014. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/250934734/Diferenca-Desvio-Preconceito-e-Estigma>
Acesso em: 29 jun. 2021.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. O método de história de vida em pesquisas sobre autopercepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista Educação Especial**, volume 22, n. 34 p. 139-154, 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/268>. Acesso em: 25 jun. 2021.

LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin et al, Acessibilidade em ambiente universitário: identificação de barreiras arquitetônicas no campus da USP de Bauru. **Revista Brasileira Educação Especial**, n.14, v.2, p.178-188, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbee/a/fWJhMVt7ZyxDRSHy33DDgHC/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 878 p.

LIMA, Manoela Maria Liomiza Pereira de. **A importância das tecnologias assistivas para a inclusão de alunos com deficiência visual**. 60f. Monografia (Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Instituto de Psicologia- Universidade de Brasília, 2011.

MAIA, S. S.; BRAGA, V. R. S. de; FIALHO, L. M. F.; Biografia de Idosos: Uma Fonte para Pesquisas; *In*: FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R.; VASCONCELOS, J.G. (Org.). **Fontes Orais em Pesquisas Educacionais**. Fortaleza: Edições UFC, 2015, p. 19-29.

MARCHESAN, A.; CARPENEDO, R.F. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Científica Trama**, v.17, n.40, p.45-55, 2021. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199/17003>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MCKERNAN, James. **Investigación, acción y curriculum**: métodos y recursos para profesionales reflexivos. Madrid: morata, 1999. 312 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 111 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 96p.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão um estudo na perspectiva da teoria da atividade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2796605-Aprendendo-a-ensinar-ingles-para-alunos-cegos-e-com-baixa-visao-um-estudo-na-perspectiva-da-teoria-da-atividade.html>
Acesso em: 06 jun. 2021.

PAULILO, M. A. S.; A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**, v.2, n.1, p.135-148, 1999. Disponível em https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 24 jun. 2021.

26

PEREIRA, Maria Izabel Galvão Gomes. Práticas Educativas, Territórios e Biografização: reflexões a partir da Educação Rural. *In*: PASSEGI, M. C. da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRN, 2008.

PONTE, A. S.; SILVA, L. C. da. A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência. **Caderno de Terapia Ocupacional UFSCAR**, n.2, v.23, 2015, Disponível em <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/851>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão - Parte 1. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 57, 2007, p. 8-16.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, v.1, n.1, p. 25- 35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SILVA, Luzia Guacira Santos. Orientações didáticas para a atuação pedagógica junto a estudantes com deficiência visual no ensino superior. *In*: MELO, F. R. L. V. (Org.). **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais**. Natal: EDUFRN, 2013.

RADABAUGH, Mary Pat. Study on the Financing of Assistive Technology Devices of Services for Individuals with Disabilities - **A report to the president and the congress of the United State, National Council on Disability**, Março 1993. Disponível em: <http://www.ccclivecaption.com> Acesso em: 04 jul. 2021.

RODRIGUES, D. A.; Inclusão na Universidade: Limites e possibilidades da construção de uma universidade inclusiva. **Revista de Educação Especial da UFSM**, n. 23, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/fWJhMVt7ZyxDRSHy33DDgHC/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ⁱ **Lilian Freitas Coelho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6921-2739>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Ceará. Especialista no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Antropologia de Ibero-américa pela Universidade de Salamanca, Espanha, com título reconhecido pela UFC.

Contribuição de autoria: Única autora

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3916459440362217>

E-mail: lilian@ifce.edu.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

27

Como citar este artigo (ABNT):

COELHO, Lilian Freitas. Memórias dos espaços escolares e acadêmicos de um estudante com deficiência visual. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-27, 2021.